



SEÇÃO TEMÁTICA

Notas sobre os estudos das religiões afro-brasileiras nos Programas de Ciência(s) da Religião no Sudeste e Centro-Oeste do Brasil: origens e perspectivas

Notes about studies of afro-Brazilian religions in The Graduate Programs of Study of Religion in Southeast and Midwest Brazil: origins and prospects

Ênio José da Costa Brito*
Cláudio Santana Pimentel**

Resumo: O presente artigo reconstitui parcialmente o desenvolvimento da pesquisa sobre religiões afro-brasileiras nos programas de estudos pós-graduados em Ciência(s) da Religião das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Aponta de maneira sistemática as estratégias metodológicas, as fontes documentais pesquisadas e os referenciais teóricos que orientaram os pesquisadores que trabalharam essa temática.

Palavras-chave: Ciência da religião. Pesquisa. Pós-graduação. Religiões afro-brasileiras.

Abstract: This article reconstitutes partially the researches on Afro-Brazilian religions done in the post graduation programs in study of religion/religious studies in Southeast and Midwest Brazil. The article presents the methodologic strategies, the documental sources and the theoretical references that orientated the researchers.

Keywords: Study of religion. Research. Post-graduation. Afro-Brazilian religions.

Résumé: Le présent article vise, en reconstruisant partiellement le développement de la recherche sur les religions afro-brésiliennes dans les programmes d'études post-graduées en Science(s) de Religion(s) au centre-sud e sud-est du Brésil, indiquer de manière systématique les stratégies méthodiques, les sources documentaires étudiées et les référentiels théoriques qui ont orientés les chercheurs qui ont pu travailler cette thématique.

Mots-clé: Science de Religion. Post graduées. Religions Afro-brésiliennes.

* Doutor em Teologia (PUG). Professor titular do PEPG em Ciência da Religião (PUC-SP). Coordenador do grupo de pesquisa Veredas: Imaginário Religioso Brasileiro. Vice-coordenador do CECAFRO (Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora). ORCID: 0000-0002-7730-0760 - Contato: brbrito@uol.com.br.

* Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP). Vice-coordenador do grupo de pesquisa Veredas: Imaginário Religioso Brasileiro. ORCID: 0000-0003-3343-0560 - Contato: pimentelclaudio@live.com.

Introdução

O presente texto propõe-se o desafio de traçar as linhas gerais do percurso das pesquisas sobre religiões afro-brasileiras na Ciência da Religião realizada no Brasil. Ele compõe um conjunto de estudos mais amplo, desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Veredas – Imaginário Religioso Brasileiro, que visa abranger, dentro do possível, a produção nacional sobre as religiões afro-brasileiras. Procura ater-se, sem a pretensão de ser exaustivo, à produção dos programas localizados no Centro-Sul do país¹. Para tanto, procura interpretar elementos que permitam reconstituir a dinâmica da pesquisa sobre essas religiões no contexto da produção acadêmica: dirigindo o olhar principalmente para as dissertações e teses², mas, também, ementas de cursos, projetos de pesquisa, currículos dos docentes responsáveis por disciplinas específicas e orientações. Esses itens permitem, juntamente com outros que não pudemos observar aqui, como artigos e dossiês temáticos em publicações de Ciência da Religião, constituem elementos centrais para compreender a dinâmica de pesquisa sobre as religiões afro-brasileiras em nossos programas de pós-graduação.

O início do estudo acadêmico das religiões afro-brasileiras remete às últimas décadas do século XIX e ao início do século XX, época em que se realizaram os trabalhos seminiais de Nina Rodrigues (1862-1906) e Arthur Ramos (1903-1949). A partir de vasto material empírico recolhido no Nordeste do país, sobretudo na Bahia, analisado sob a ótica da formação médica dos autores, marcados pela transição de uma leitura racial das contribuições dos descendentes dos ex-escravizados no Brasil, desde uma compreensão positivista e evolucionista, que tendia a colocar o negro em uma posição “naturalmente” inferior à do branco, para uma posição mais cultural, que passava a admitir alguma legitimidade em suas práticas e visão de mundo.

A etnografia de Nina Rodrigues abriu, dessa forma, um campo discursivo inédito não apenas porque interpretou os cultos de origem africana com um novo olhar, mas também porque procurou demarcar a especificidade dessa interpretação como resultado de uma “observação documentada, tão minuciosa e severa” como pedia a “natureza delicada do assunto”; insistindo sempre no seu caráter científico (Rodrigues, 1935, p. 14)³. Nesse sentido, pela primeira vez é realizada, no Brasil, uma pesquisa de campo no âmbito dos cultos de origem africana, que levou em consideração a convivência cotidiana e a frequência às festas e aos rituais realizados pelos fiéis. Nina Rodrigues frequentava os terreiros, conhecia seus participantes na condição privilegiada de médico, a quem muitas intimidades são reveladas, tendo acesso ao próprio corpo dos observados, que iam também a seu consultório, tendo angariado confiabilidade suficiente para adentrar os espaços mais restritos dos terreiros da época (Silva, 2002, p. 88).

1 Um primeiro levantamento da produção dos programas de pós-graduação localizados em universidades do Norte e Nordeste está feito, mas sua análise não foi concluída, razão pela qual não foi incluído neste artigo.

2 Para tanto, partimos dos levantamentos de dissertações e teses realizados por pesquisadores do Grupo Veredas – Imaginário Religioso Brasileiro, sobre as pesquisas de temática afro-religiosa. Um primeiro resultado, reunindo teses de doutorado sobre o tema, foi publicado por Brito et al (2018, pp. 301-327). Uma relação de dissertações de mestrado sobre temática afro defendidas entre 2000 e 2009 foi publicado por Brito e Pimentel (2019, pp. 462-504), e será complementada com a publicação da relação das dissertações de 2010 a 2017.

3 A citação interna é de Rodrigues, Nina. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1935.

Em termos práticos, foi a partir dos trabalhos desses primeiros pesquisadores que se originou a pesquisa acadêmica sobre religiões afro-brasileiras, a princípio na Faculdade de Medicina da Bahia, mais tarde incorporada à Universidade Federal da Bahia, a qual permanece hoje um dos principais centros de referência nos estudos sobre as populações afrodescendentes no Brasil. Nas décadas seguintes, os estudos afro-brasileiros foram irradiados para diferentes instituições de pesquisa em todo o país, destacando-se as investigações no âmbito da História e da Antropologia.

Um dos aspectos marcantes dessa empreitada seminal sobre as religiões afro-brasileiras está na questão do “nagocentrismo”⁴, a centralidade dos estudos sobre a população de origem ioruba, em detrimento das populações de origem sudanesa ou bantu, considerados, na visão positivista e evolucionista de autores como Rodrigues e Ramos, culturalmente inferiores aos primeiros, e, portanto, incapazes de desenvolver um sistema religioso complexo. Embora com variações, essa posição foi reproduzida por pesquisadores que se seguiram, como Pierre Verger e Roger Bastide, e manteve-se durante muito tempo como uma premissa das pesquisas afro-religiosas brasileiras, o que vem se modificando nas últimas décadas.

Outro componente, igualmente relevante na discussão sobre as pesquisas afro-religiosas, é a questão do sincretismo⁵. O que, de certa forma, relaciona-se com o problema anterior. O pressuposto de uma pureza cultural-religiosa como algo mais próximo da prática religiosa fundante negligenciava a dinâmica histórica das religiões, o processo de fragmentação que os povos forçadamente trazidos para o Brasil tiveram que enfrentar para poder recriar, em novas condições, marcadas pela perseguição e pela violência, experiências religiosas que somente revelam-se compreensíveis em meio à dinâmica da diáspora.

A abertura da Ciência da Religião para as pesquisas afro-religiosas (anos 1987-2000)

Os primeiros cursos de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil surgem a partir da década de 1970. Naquele momento, formam-se a partir de quadros docentes de formação principalmente filosófica e/ou filosófico-teológica, em instituições de ensino de caráter confessional, católicas e protestantes (cf. Cruz, 2013, p. 45). Mesmo a UFJE, embora pública, parece ter seguido um processo de constituição de seus quadros docentes bastante semelhante.

Em 1987, temos um pré-anúncio sinalizando que a temática das religiões afro-brasileiras terá um lugar nos programas. Na PUC-SP acontece a defesa da dissertação de mestrado de Giorgio Paleari, *Umbanda: aspectos da identidade e do campo religioso, a partir do discurso especializado e sua vinculação com o catolicismo popular*. A partir dos anos 1990, período caracterizado pela normatização e consolidação da pesquisa acadêmica no

4 Uma interessante discussão sobre a predileção dos pesquisadores em relação à tradição ioruba, representada sobretudo pelos candomblés da Bahia, e como essa predileção de certa maneira reproduziu preconceitos estabelecidos no comércio de escravizados ainda no século XVIII, encontra-se em Reginaldo, 2011, pp. 264-289.

5 Cf. os estudos de Ferretti (1996) e Soares (2003) sobre o tema.

Brasil, podemos começar a pensar numa presença das religiões afro-brasileiras como tema de pesquisa nos programas de pós-graduação em Ciência da Religião. No final daquela década são apresentadas as primeiras dissertações de mestrado que abordam o tema. Segundo informações do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, foram apresentadas, entre 1995 e 2001, nove dissertações de mestrado que versavam sobre a temática afro-religiosa, reunidas (à época) na área de avaliação Filosofia/Teologia: subcomissão Teologia, que incluía os cursos de pós-graduação em Teologia e Ciência da Religião. Quatro dissertações na PUC-SP, duas na UFJF, duas na UMESP e uma na FAJE (a única então apresentada em programa de pós-graduação em Teologia).

Nesse primeiro momento, predomina uma tendência que podemos denominar comparativista, aproximando a temática afro do universo cristão brasileiro, católico principalmente, favorecido pela ênfase, então, no estudo da religiosidade popular. É a partir da pesquisa sobre as “religiões do povo” que os cientistas da religião brasileiros começam a se aproximar do universo afro-religioso. Mas, vale retomar aqui o que dissemos em outro momento:

Isso não significa, no entanto, que a abertura para os estudos afro-religiosos se realize de maneira pacífica e espontânea. As religiões afro-brasileiras ainda ocupam uma posição periférica nos estudos de pós-graduação em Teologia e Ciência da religião. Não por acaso, é possível perceber que as pesquisas sobre o tema nesta área acadêmica em geral se iniciaram por trabalhos comparativos entre o universo afro-religioso e o cristão. Pode-se dizer que há um interesse ou ao menos uma maior facilidade de diálogo com temas da cultura afro-brasileira do que com as religiões afro. (Brito; Pimentel, 2019, p. 464)

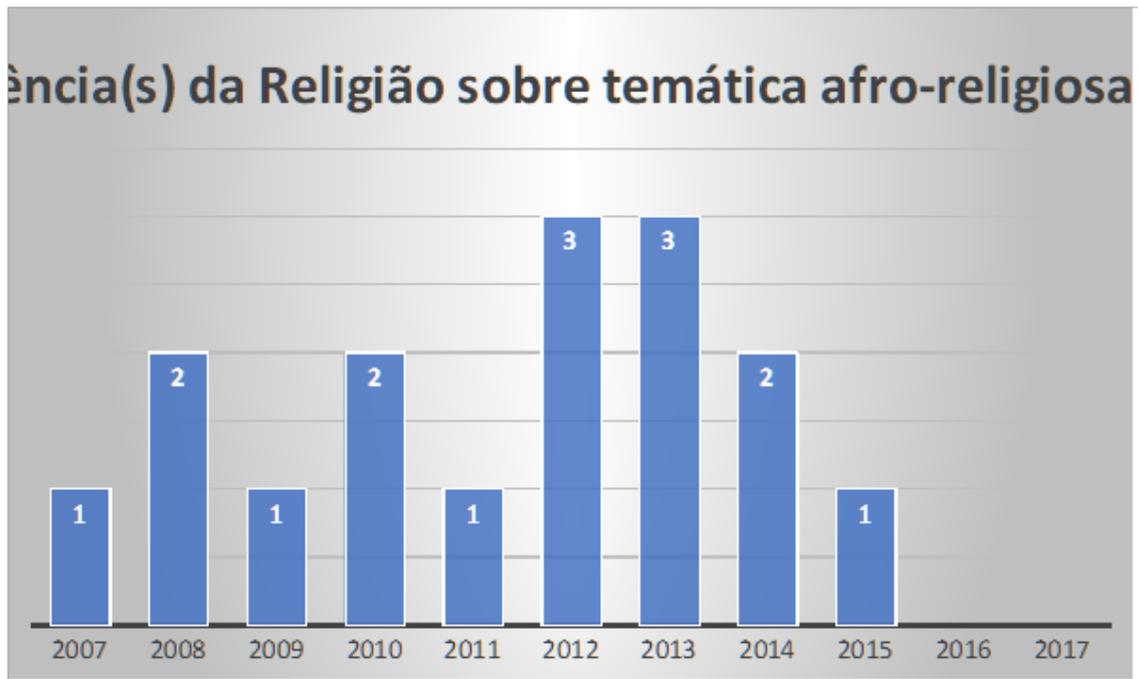
No entanto, ainda que gradualmente, os programas de pesquisa passam a se abrir para a marcante presença das religiões afro-brasileiras no Brasil.

Ainda na década de 1990, encontramos os primeiros registros de oferecimento de disciplinas específicas sobre religiões afro-brasileiras, na PUC-SP (Ênio José da Costa Brito), na UFJF (Volney José Berkenbrock) e na PUC-GO (Irene Dias de Oliveira)⁶.

A partir dos anos 2000, há uma emergência de estudos que tendem a ser mais autônomos sobre religiões afro-brasileiras, muitos deles desenvolvidos por mestrandos e doutorandos vindos de dentro das tradições religiosas⁷, assim como uma expansão dos cursos de pós-graduação pelo território nacional, ainda que quantitativamente pequena em termos de número de programas, passando a trazer para a pesquisa novos aspectos, enfatizando a realidade regional/local.

⁶ Informações obtidas a partir da consulta aos currículos dos pesquisadores na Plataforma Lattes. Estão também entre os primeiros a orientarem trabalhos de mestrado e doutorado sobre religiões afro-brasileiras na Ciência da Religião brasileira.

⁷ Sobre a produção bibliográfica em religiões afro-brasileiras elaborada por pesquisadores pertencentes a essas tradições religiosas, cf. Verdugo, 2015.



Fonte: Brito et al. (2018).

Pode-se dizer que os primeiros programas de estudos em Ciência(s) da Religião no Brasil trataram a temática afro-religiosa a partir dos seus próprios itinerários de pesquisa.

Na UFJF, talvez favorecida por sua condição de universidade pública e, portanto, instituição laica, é possível observar desde as primeiras dissertações uma preocupação em apresentar as religiões afro-brasileiras a partir de sua própria perspectiva, sobretudo predominando um recorte histórico, privilegiando o contexto regional. O diálogo entre as religiões afro-brasileiras e o catolicismo – e suas manifestações populares, marcantes no contexto mineiro (e não somente lá) também se encontra como objeto privilegiado de pesquisa naquela instituição.

A PUC-GO (então Universidade Católica de Goiás), primeira instituição de ensino brasileira fora da região Sudeste a constituir um programa de pós-graduação em Ciências da Religião, também foi pioneira em pesquisas sobre religiões afro-brasileiras, privilegiando mais uma vez o contexto religioso regional, tanto as discutindo em suas especificidades rituais e simbólicas, quanto em suas inter-relações com o catolicismo hegemônico, a partir, principalmente, da categoria de sincretismo. Assim como a UFJF, desde ao menos os últimos anos da década de 1990 tem oferecido disciplinas específicas sobre religiões afro-brasileiras, prática que se revela fundamental para o fomento e a formação de novos pesquisadores.

Em São Paulo, o programa de Ciências da Religião da UMESP, sobretudo em sua linha de pesquisa de Sociologia da Religião, desenvolveu pesquisas sobre a temática afro-religiosa, em que se pode destacar a investigação sobre a relação entre a cultura afro-brasileira e as teologias protestantes e pentecostais, e, deve-se destacar, a introdução do recorte de gênero. A título de exemplificação, aquelas que podem ser consideradas as duas primeiras teses de doutorado apresentadas em um programa de Ciências da Religião e que se referem à temática afro-religiosa: de Afonso Maria Ligório Soares,

Sincretismo e inculturação: pressupostos para uma aproximação teológico-pastoral às religiões afro-brasileiras, buscados na epistemologia de Juan Luís Segundo (2001)⁸; Maricel Mena Lopez, *Raízes afro-asiáticas nas origens do povo de Israel: uma proposta de reconstrução histórico-feminista* (2002). Um estudo bíblico e uma pesquisa teórica teológico-pastoral, mas não estudos específicos sobre religiões afro-brasileiras.

Por sua vez, o curso de mestrado em Ciências da Religião da UPM apresenta um pequeno número de pesquisas sobre o tema, especificamente sobre a evangelização realizada nas comunidades quilombolas. A ausência, nesses programas, de docentes dedicados exclusivamente ao tema e o não oferecimento de disciplinas e grupos de pesquisa, é um indício que sinaliza a dificuldade de desenvolver nessas instituições a ampliação de uma temática potencialmente interessante e desafiadora, que acabou por se limitar a pesquisas pontuais.

No programa de Ciência da Religião da PUC-SP, como indicado acima, uma primeira dissertação sobre Umbanda é defendida (1987), quando o país se preparava para comemorar cem anos da Abolição. Início promissor, que, no entanto, foi seguido de um longo silêncio. A temática da religiosidade afro renasceu bem mais tarde no âmbito do grupo de pesquisa *Veredas: imaginário religioso brasileiro*. O método comparativo era naquele momento utilizado pelos membros do grupo em suas pesquisas.

Um ajuste metodológico ocorreu devido aos estudos sobre as irmandades, em especial, as irmandades negras. A percepção da importância das mesmas pela enorme contribuição dada por elas a constituição do país levou o grupo a eleger duas categorias para analisá-las: “tradições compartilhadas” e “cosmovisão”. Passou-se, então, a privilegiar nas pesquisas as negociações, o resgate de tempos e espaços comunitários, o fato de elas politizarem procissões e rituais de vida e morte. Período no qual o link entre África e Brasil começa a se fazer presente nas dissertações.

Nova rota metodológica se abriu com a criação do Centro de Estudos Culturais e da Diáspora (CECAFRO)⁹, constituído, em 2006, por professores (as) dos programas de História, Ciência da Religião e Ciências Sociais. Sob a direção da professora Maria Antonieta Antonacci, os grupos de pesquisar coordenados pelos(as) professores(as) participantes do CECAFRO recorreram a teoria pós-colonial ao estudar temas afro. A teoria pós-colonial convida-nos a ter presente que a história é marcada constitutivamente por conquistas coloniais/imperialistas/globais violentas e que o fim dos sistemas coloniais/imperiais não colocou fim ao colonialismo. Hoje, sua permanência se dá em outros níveis ou qualidades. Permanência caracterizada como colonialidade.

A teoria pós-colonial tem oferecido perspectivas fecundas de análises das experiências diaspóricas, com reflexo nos cursos, dissertações e teses. Principalmente, pela vasta malha teórica que disponibiliza aos pesquisadores (as): diferença colonial, entre lugares, zonas de contato, visão monotópica, visão pluritópica, fronteira etc.

8 Publicado em 2003, sob o título *Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*.

9 O objetivo do CECAFRO é “constituir acervos rítmico, sonoro, visual, cinematográfico e bibliográfico, enquanto suportes para fazer avançar compreensões mais densas acerca de confrontos culturais vividos em diferentes Áfricas e suas diásporas”.

Gradualmente, dissertações e teses produzidas no programa deixam transparecer uma maior sensibilidade com relação ao encontro de elementos culturais diferentes que emergem nos entre lugares, nos interstícios culturais, nos quais a articulação social da diferença se dá sobre a forma de negociação complexa, numa mescla de reencenação do passado, colaboração e constelação, em que ambivalência e antagonismo estão presentes.

Estudos culturais, estudos de performance e estudos pós-coloniais têm iluminado as pesquisas realizadas no âmbito dos membros do CECAFRO. Conexões África/Diáspora passam a ter presença frequente em dissertações e teses.

Com cursos temáticos oferecidos com frequência, o programa de Ciência da Religião da PUC-SP tem mantido vivo o interesse pelo estudo e pesquisa das religiosidades afro-brasileiras. Hoje, o programa tem consciência de que estudar temas afrodiaspóricos é compreender mais profundamente a própria religiosidade brasileira.

Desemaranhando veredas interpretativas

Podemos perceber, a partir da análise das dissertações e teses sobre religiões afro-brasileiras apresentadas nos programas de pós-graduação em Ciência da Religião, três tendências interpretativas predominantes: uma, vinda da Filosofia, o que poderia ser considerado surpreendente se observarmos a pouca ou mesmo nenhuma atenção dada na pesquisa em Filosofia no Brasil às religiões afro-brasileiras. No entanto, lembramos mais uma vez a formação filosófico-teológica predominante entre as primeiras gerações de professores e pesquisadores em Ciência da Religião, o que auxilia a compreender o emprego de categorias analíticas filosóficas em pesquisas sobre religião. Ao mesmo tempo, se percebe o decréscimo de estudos com essa característica em favor de pesquisas em que predominam categorias gestadas de maneira mais empírica, devedoras, sobretudo da História, Sociologia e Antropologia.

Na medida em que a pesquisa sobre religiões afro-brasileiras se amplia e consolida na Ciência da Religião desenvolvida no Brasil, a tendência à pesquisa empírica, produzindo interpretações a partir de categorias historiográficas e sociológicas, passa a predominar, sendo hoje a característica metodológica principal desses estudos. Acompanhando, dessa maneira, uma tendência interna da própria Ciência da Religião nas últimas décadas, um deslocamento das análises de tipo filosófico-teológico para uma pesquisa de caráter empírico-analítico, com forte tendência de diálogo com as disciplinas que iniciaram os estudos afro-brasileiros e afro-religiosos.

Outra tendência predominante encontra-se na Psicologia, fornecendo também categorias analíticas para o estudo das religiões afro-brasileiras. Chama a atenção, nesse aspecto, a presença de pesquisadores (pesquisadoras, principalmente), que, vindas geralmente de uma formação inicial em Psicologia (graduação), enveredaram pelos estudos de religião no mestrado e doutorado¹⁰, contribuindo, assim, para a constituição de uma subárea de pesquisa em Psicologia da Religião.

A ampliação da presença dos cursos de pós-graduação em Ciência da Religião, os quais, historicamente concentrados na região Sudeste (à exceção já mencionada da

10 O que se pode notar, ainda que parcialmente, abaixo, no Anexo em que trazemos a relação de dissertações e teses sobre temática afro-religiosa no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP.

PUC-GO), passam a estar presentes em quase todas as regiões do país (ainda não há programas na Região Sul), tem resultado na abertura de novas veredas para os estudos afro-religiosos. Dos sete programas mais recentes, um se localiza na região Norte (UEPA), três na região Nordeste (UNICAP, UFPB, UFS), três no Sudeste (PUC-MG, PUC-Campinas, FUV). Quatro deles, aqueles localizados nas regiões Norte e Nordeste, mantêm ao menos um docente permanente especializado no estudo de religiões afro-brasileiras e oferecem disciplinas específicas sobre o tema.

A análise, ainda que não detalhada, da produção discente (teses e dissertações) desses programas sinaliza para uma especificação da pesquisa, na qual os estudos sobre religiões afro-brasileiras se fazem a partir principalmente do contexto regional e local, por exemplo, as pesquisas sobre os maracatus e candomblés em Pernambuco (UNICAP) e sobre as religiões afro-amazônicas (UEPA).

Dessa maneira, “novos” contextos religiosos estão emergindo, sendo possível vislumbrar dois eixos metodológicos predominantes: um recorte mais empírico, a partir de categorias analíticas e ferramentas metodológicas advindas principalmente da História e da Antropologia; um recorte simbólico, ainda que lidando com dados empíricos, elabora suas análises a partir de categorias fenomenológicas e filosóficas, cuja pertinência para a Ciência da Religião tem sido objeto de questionamento metodológico¹¹.

Independentemente do recorte empregado, é possível perceber que categorias e problematizações mais tradicionais, como as discussões sobre o sincretismo e o diálogo inter-religioso, encontram-se com outras relativamente mais recentes (ao menos neste contexto específico de pesquisa), como o recorte de gênero e os estudos sobre sexualidade. Ainda assim, cabe salientar o questionamento levantado por Marcos Verdugo sobre a necessidade de se construir um conhecimento não sobre as religiões afro-brasileiras, mas a partir de sua própria posição epistemológica:

As religiões afro-brasileiras tornaram-se objeto de estudo da sociologia, antropologia e, mais recentemente da Ciência da Religião, porém, nenhuma dessas áreas do conhecimento apresentou a preocupação de se estabelecer uma metodologia epistemológica específica para se estudar uma religião cuja base cultural apresenta-se de maneira distinta da forma como o ocidente interpreta o mundo; em outras palavras, embora tenha-se eticamente superado o preconceito intelectual e racial, epistemologicamente ainda não se deu uma verdadeira legitimação dessas religiões enquanto produtoras de conhecimento e de novas formas de se interpretar e habitar o mundo (Verdugo, 2015, pp. 5-6).

Novas abordagens epistemológicas: estudos pós-coloniais

Esta reflexão sobre o percurso dos estudos afro-religiosos na Ciência da Religião brasileira estaria incompleta se deixasse de considerar as novas perspectivas emergentes, sobretudo mediante a recepção dos estudos pós-coloniais e da decolonialidade¹².

11 Críticas dirigidas, sobretudo, àquilo que Eduardo R. Cruz nomeou como “programa eliadiano de uma Ciência da Religião” (Cruz, 2013, pp. 38-41). Uma apreciação crítica mais ampla da fenomenologia da religião enquanto metodologia de pesquisa em estudos de religião encontra-se em Gasbarro, 2013.

12 Mandair (2017, p.179) diferencia o pós-colonialismo, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Subalternos, com a participação sobretudo de pesquisadores anglófonos de origem indiana, fortemente influenciados por Edward Said e pelo pós-estruturalismo, dos estudos da decolonialidade, constituída por pesquisadores afro-caribenhos e latino-americanos, influenciados por Frantz Fanon e Aimé Césaire.

Cada vez mais, pesquisadores e seus orientandos têm percebido as limitações da epistemologia tradicional na abordagem da temática afro-religiosa. As chamadas “epistemologias do Sul” passam a ser empregadas, com maior frequência, vistas como capazes de oferecer à pesquisa categorias analíticas não somente mais refinadas, mas que, sobretudo, permitam construir um itinerário de pesquisa que possibilite, efetivamente, colocar em primeiro plano as vozes de atores religiosos violentamente subalternizados, frequentemente criminalizados, historicamente negligenciados e perseguidos no decorrer da formação social e religiosa do país.

Epistemologias estas definidas como:

As epistemologias do Sul dizem respeito à produção e validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência [e luta] dos grupos sociais que têm experimentado injustiças, opressões e destruições sistemáticas praticadas pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado. O vasto e diversificado campo de tais experiências é designado por “Sul anti-imperial”. É um Sul epistemológico e não geográfico, composto por muitos seus epistemológicos que têm em comum o fato de que todos eles serem conhecidos nas lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Estes seus são produzidos onde ocorrem as lutas, tanto no Norte geográfico como no Sul geográfico. O objetivo das epistemologias do Sul é permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo por si mesmo nos seus termos, pois somente assim serão capazes de mudá-lo de acordo com suas próprias aspirações [...] (Meneses; Bidaseca, 2018, pp. 12-13).

A crítica da permanência colonial, que assume histórica e socialmente características específicas nas diferentes regiões do mundo que sofreram o impacto do colonialismo e do imperialismo, fundamentado no ideal eurocentrado de modernidade, desafia pesquisadores a repensar as dinâmicas, imaginários e sociabilidades religiosas, notadamente das populações e segmentos subalternizados.

O pensamento pós-colonial abre possibilidades a pessoas que se sentem excluídas no campo social e religioso para resgatarem sua história, suas memórias e seus saberes e fazeres. Sua tese central pode ser assim descrita: a história foi marcada por conquistas coloniais violentas e o término do nível jurídico-político dos sistemas coloniais não pôs fim ao colonialismo, mas permaneceram outros níveis do colonialismo que são considerados como a “colonialidade”, e perduram nos povos e culturas colonizadas [...] (Brito, 2014, p. 1476).

A título de exemplo, abordagens pós-coloniais e decoloniais acolhem o desafio de pensar a dinâmica intercultural e inter-religiosa, oferecendo novos elementos que permitam melhor compreender questões hoje clássicas – tal como o sincretismo religioso – e novas configurações religiosas no contexto brasileiro.

Propiciam enfrentar os riscos da essencialização cultural e religiosa, da identidade vista como única, colocada em termos imutáveis e a-históricos, postura que invisibiliza as diferenças, tratando as relações assimétricas como naturalmente justificadas, perpetuando a assimilação subalternizada do diferente pela lógica hegemônica.

Percebe-se, cada vez com maior constância, nos trabalhos de mestrado e doutorado sobre temática afro-religiosa, ainda que elaborados a partir de uma das abordagens predominantes que mencionamos acima, o esforço por dialogar com as categorias dos estudos pós-coloniais e da decolonialidade, assim como começam a ser elaboradas pesquisas que enfrentam o desafio de tomar como referência principal esta perspectiva de abordagem.

Cabe ressaltar que não somente a pesquisa sobre religiões afro-brasileiras têm dialogado com essas novas categorias epistemológicas e abordagens de pesquisa. Pesquisadores do pentecostalismo e protestantismo também têm percebido a fecundidade dos estudos pós-coloniais para nossa área de pesquisa (cf. Ribeiro, 2012; Wirth, 2008).

Considerações finais

Considerar o percurso dos estudos sobre religiões afro-brasileiras na Ciência da Religião convida a refletir sobre a própria identidade e problemas específicos da disciplina no Brasil.

Contribui para melhor compreender o processo de formação, em nosso país, da Ciência da Religião, avaliar o percurso formativo de cientistas da religião dedicados à pesquisa sobre religiões afro-brasileiras, suas especificidades metodológicas e temáticas – aproximações e distanciamentos em relação às pesquisas de outras tradições e culturas religiosas. É preciso também colocar em destaque o desafio que vem sendo enfrentado, em diferentes abordagens, de uma pesquisa sensível a tradições e sujeitos que, ao longo da constituição histórica do país, foram marginalizados e invisibilizados, na sociedade e nos estudos acadêmicos.

As pesquisas que vêm sendo realizadas no âmbito dos programas de pós-graduação em Ciência da Religião estudam as religiões afro-brasileiras em sua dinâmica própria, isso é, a partir delas mesmas. Rastreia-se assim seus potenciais dialógicos em margens atlânticas, pontuando visões de mundo, saberes cósmicos e corpóreos. As religiões afro-brasileiras sustentam e são caminho de construção de “identidades fundadas no sagrado” (Prandi). Perspectiva de estudo que as distanciam das pesquisas de perfil teológico, também necessárias.

Para tanto, acreditamos que a recepção dos estudos pós-coloniais e da decolonialidade revela-se uma perspectiva fecunda, que, longe de ser proposta como uma panaceia, desenvolve outros olhares, atenta às vozes de sujeitos e dinâmicas religiosas que se organizam e vivenciam suas experiências a partir de outras lógicas, que não aquela da tradição religiosa ocidental.

O processo de pesquisa para a elaboração deste artigo permite chamar a atenção para alguns aspectos importantes, não só no que diz respeito aos estudos sobre religiões afro-brasileiras, mas à reflexão sobre a constituição histórica da Ciência da Religião no Brasil em geral.

Informações relevantes, como as ementas de disciplinas, quase sempre se limitam, no acesso às páginas eletrônicas dos programas de pós-graduação, aos últimos anos. O registro eletrônico nos repositórios de dissertações e teses, por vezes, ainda não incluem pesquisas realizadas em períodos anteriores à demanda da digitalização dos trabalhos, que ficam restritas às consultas, nem sempre simples, nos arquivos eletrônicos e físicos das bibliotecas. O acesso a informações sobre projetos de pesquisa quase sempre fica restrito aos registros na Plataforma Lattes feitos pelos docentes responsáveis, situação que de alguns anos para cá vem se modificando, sobretudo com os registros realizados na Plataforma Sucupira.

Estes exemplos indicam a necessidade, por parte dos programas de pós-graduação, de desenvolver um maior cuidado e atenção no que se refere à conservação e à disponibilidade de registros que permitam – juntamente com a parte mais robusta da produção acadêmica formada por artigos e livros, aos quais se acrescenta a produção discente, sobretudo em dissertações e teses – reconstituir o desenvolvimento e as transformações das pesquisas realizadas nos programas de estudos pós-graduados em Ciência(s) da Religião no Brasil.

Referências

BRITO, Ênio José da Costa. Desafios para a construção de uma epistemologia do Sul. In: Anais do 27º Congresso Internacional da Soter. Belo Horizonte: Soter, 2014. (pp. 1475-1486). Disponível em: <http://soter.org.br/documentos/documento-Dum08FpW7qWJbpsf.pdf>

BRITO, Ênio José da Costa et al. Os estudos afro-diaspóricos no Brasil: levantamento de teses (2000-2017). *Rever*, ano 18, n. 1, jan./abr. 2018 (pp. 301-327). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/37389>

BRITO, Ênio José da Costa; PIMENTEL, Claudio Santana. Relação de dissertação sobre temática afro-brasileira. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, pp. 462-504, jan-abr. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2019v17n52p462>

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. (pp. 37-49).

FERRETTI, Sergio F. *Repensando o sincretismo*. São Paulo, Edusp, 1996.

GASBARRO, Nicola. Fenomenologia da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. (pp. 75-99).

LOPEZ, Maricel Mena. Raízes afro-asiáticas nas origens do povo de Israel: uma proposta de reconstrução histórico-feminista. Tese. Doutorado em Ciências da Religião. UMEP: São Bernardo do Campo. 2002.

MANDAIR, Arvind. Postcolonialism. In: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (Ed.). *The Oxford Handbook of the Study of Religion*. Oxford University Press, 2017, pp. 177-194.

MENESES, Maria Paula; BIDASECA, Karina. Introdução: as epistemologias do Sul como expressão de lutas epistemológicas e ontológicas. In: MENESES, Maria Paula; BIDASECA, Karina. (Coord.). *Epistemologías del Sur/Epistemologias do Sul*. Buenos Aires: CLACSO; Coimbra: Centro de Estudos Sociais – CER, 2018. (pp. 11-21).

REGINALDO, Lucilene. *Os rosários dos angolas: irmandades de baianos e crioulos na Bahia setecentista*. São Paulo: Alameda/Fapesp, 2011.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. “Fronteiras”, “entrelugares” e lógica plural: a contribuição dos estudos culturais de Homi Bhabha para o método teológico. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 43, pp. 12-24, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342479>

SILVA, Vagner Gonçalves da. Construção e legitimação de um campo do saber acadêmico (1900-1960). *REVISTA USP*, São Paulo, n. 55, pp. 82-111, setembro/novembro 2002.

SOARES, Afonso Maria Ligório. Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2003.

SOARES, Afonso Maria Ligório. Sincretismo e inculturação: pressupostos para uma aproximação teológico-pastoral às religiões afro-brasileiras, buscados na epistemologia de Juan Luís Segundo. Tese. Doutorado em Ciências da Religião. UMESP: São Bernardo do Campo. 2001.

VERDUGO, Marcos Vinícius de Souza. As religiões afro-brasileiras: uma revisão bibliográfica. *Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura – Ano XI*, n. 49 (pp. 3-16). Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/-as-religioes-afro-brasileiras-uma-revisao-bibliografica-.pdf>

WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, 105-125, jan/jun. 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342547>.

Anexo

Dissertações e Teses sobre temática afro-religiosa no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP (1987-2018).

Dissertações

ALEXANDRE, Claudia Regina. Exu e Ogum no terreiro de samba: um estudo sobre a religiosidade da escola de samba Vai-Vai. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2017. Orientador: Edin Sued Abumanssur.

ALVES Júnior. Antônio Marques. Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daime. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2006. Orientador Ênio José da Costa Brito.

AMARAL, Adilson Rogério de. Terreiro do São Domingos. Memória, permanência e renovação. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2006. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

AZEVEDO, Vanda Alves Torres. Ìyàmi: símbolo ancestral feminino no Brasil. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2006. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

- BAPTISTE, Munguele Kiyungu Jean. Dinamismo cultural bantu e religião: o resgate das estruturas simbólicas bantu. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2003. Orientador: Eduardo Rodrigues da Cruz.
- BORGES, Rosângela Ferreira de Carvalho. A presença de elementos da cultura afro-brasileira nas celebrações da Igreja Nossa Senhora Achiropita, no Bexiga, em São Paulo. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 1999. Orientador: Ênio José da Costa Brito.
- CAMPOS, Luan Rocha de. Muitas linhas de um mesmo riscado: a umbanda das Zonas de Contato. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2017. Orientador: Silas Guerriero.
- CARVALHO, Bruna David de. “Baixou o santo” no reino dos céus: a relação dialética entre a Umbanda e a Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2018. Orientador: Ênio José da Costa Brito.
- DUARTE, José Antônio Cruz. A festa de São Benedito em Guaratinguetá: contribuição do negro para um catolicismo popular e resgate da cultura afro-brasileira. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 1998. Orientador: Ênio José da Costa Brito.
- FALÇÃO, Vladimir. Ewé, Ewé Ossain. Um estudo sobre os erveiros e erveiras no Mercado de Madureira- Uma experiência do Sagrado. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2002. Orientador Ênio José da Costa Brito.
- FREITAS, Ricardo de Gouveia e. Eresu maa dun gboye o, yee gboyi sa: música sacra reveladora do dinamismo cultural – uma abordagem etnomusicológica da religião tradicional em São Paulo. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2010. Orientador: Ênio José da Costa Brito.
- FREZARINI, Marcelo. Os deuses da África no inferno universal: uma leitura dos cultos de exorcismo das entidades afro-brasileiras ontem e hoje na Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2011. Orientador: João Décio Passos.
- GUSMAN Neto, Celso Luz. Transgredir é inevitável: pontos de tensão entre Umbanda e Santo Daime. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2013. Orientador Ênio José da Costa Brito.
- LIMA, Alexandre Mantovani de. Memórias e identidades de um terreiro de candomblé: Ilê Ogún Anaeji Igbele Ni Oman – Ase Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias – RJ. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2015. Orientador: Ênio José da Costa Brito.
- MALANDRINO, Brígida Carla. Umbanda: mudar para permanecer. A influência dos símbolos na mudança religiosa e permanência na Umbanda segundo a Psicologia Analítica. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2003. Orientador: Eduardo Rodrigues da Cruz.

MARIAN, Gislene Alves. A guardiã e o guardião dos mistérios da alma: a incorporação de Exu e Pomba Gira como promotores da comunicação ego e self. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2017. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

MARQUES, Ângela Cristina Borges. Umbanda Sertaneja. Cultura e religiosidade no sertão norte-mineiro. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2007. Orientador Silas Guerriero.

MIRANDA, Eliana da Silva. Negras raízes: fé, liberdade e resistência na irmandade de São Benedito em meados do século XIX em São Paulo. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2006. Orientador Ênio José da Costa Brito.

MORINI, Carlos Augusto Trinca. Ritual de Umbanda: a influência dos estímulos somato-sensoriais na indução do transe mediúnicos. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2007. Orientador João Edênio Reis Valle.

NORONHA, Estela. Tenha fé, tenha confiança, Iemanjá é uma esperança: um estudo a luz da sócio-anthropologia e da psicologia analítica do fenômeno iemanjismo entre os não devotos das religiões afro-brasileiras. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2005. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

NUNES, Flavius Lucilius Buzatto. A senzala e o claustro: a escravidão e a ordem carmelita na cidade de São Paulo no século XIX-1840-1888. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2005. Orientador Ênio José da Costa Brito.

PALEARI, Giorgio. Umbanda - Aspectos da identidade e do campo religioso, a partir do discurso especializado e sua vinculação com o catolicismo popular. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 1987. Orientador: João Edênio Reis Valle.

PARIZI, Vicente Galvão. Encruzilhadas e travessias: o encontro do humano e do divino na casa de candomblé Ilê Axé Kalamu Funfum, sob o olhar da psicologia transpessoal e da poética de Gaston Bachelard. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2005. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

PASSOS, Mara de Sá Martins da Costa. Exu pede passagem. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 1999. Orientador: Denise Gimenes Ramos.

PEREIRA, Hanayrá Negreiros de Oliveira. O axé nas roupas: indumentária e memórias negras no candomblé angola do Redandá. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2017. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

PIERRE, Jean Gardy. Haiti, uma república do vodu? Uma análise do lugar do Vodu na sociedade haitiana à luz da Constituição de 1967 e do decreto de 2003. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo, 2009. Orientador Afonso Maria Ligório Soares.

PRATES, Admilson Eustáquio. "Exu agodô, o sangue eu lhe dei, mas a carne eu não dou": traços característicos da identidade de Exu-Sertanejo, expressos no imaginário religioso afro-sertanejo da cidade de Montes Claros/MG, contidos na tradição oral. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2009. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

RIBAS, José Dalmo Ribeiro. Saravá Ogum: a umbanda em procissão. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2010. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

RIBEIRO, Fernanda Leandro. A concepção de riqueza no Ifá e nas religiões afro-brasileiras. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2014. Orientador Silas Guerriero.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. Orí apéré ó – o ritual das águas de Oxalá: celebração do orixá em um terreiro da Bahia. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2000. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

SÁ, Marco Antônio Fontes de. Negra devoção: leitura da cosmologia bantu “escrita com a luz” nas festas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2017. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

SALLES, Alexandre de. Esù: da denominação ao resgate da identidade. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 1997. Orientador: Gilberto da Silva Gorgulho.

SANTOS, Maria da Conceição. Festa de preto na São Paulo antiga: um exemplo de resiliência na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (1887-1907). Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2006. Orientador: Afonso Maria Ligório Soares.

SOLERA, Osvaldo Olavo Ortiz. A magia do ponto riscado na Umbanda esotérica. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2015. Orientador: Silas Guerriero.

VERDUGO, Marcos Vinícius de Souza. A dià fún: aproximações à imaginação iorubá na linguagem do sistema de Ifá. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2016. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

VERGNE, Sandra Aparecida Gurgel. Teceres, fazeres e narrativas no ensino religioso: a cosmovisão africana como possibilidade de aplicação da Lei 10.639/2003. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2016. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

VERRONE, Daniela Bender. Mulheres velhas no Candomblé de São Paulo. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2005. Orientadora: Maria José Fontelas Rosado Nunes.

VIEIRA, Shirlene dos Passos. Memória de boiadeiro: a religiosidade no centro de Umbanda Tupinambá. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo. 2012. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

Teses

BOARETO, José Antônio. Os orixás e o Senhor Bom Jesus na casa da Mãe-de-Santo: análise da construção cultural da religião no Quilombo Brotas em Itatiba-SP. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2017. Orientador: Edin Sued Abumanssur.

BORGES, Ângela Cristina. Tambores do sertão: diferença colonial e interculturalidade - entrelaçamento entre Umbanda/Quimbanda e Candomblé Angola no Norte de Minas Gerais. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2016. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

CARDOSO, Fernanda de Souza. Girando em uma roça banto: a dança como elemento constitutivo do candomblé angola em Montes Claros/MG. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2016. Orientador: Maria José Fontelas Rosado Nunes.

CARNEIRO, João Luiz de Almeida. Academia no terreiro ou terreiro na academia? A função da Faculdade de Teologia Umbandista no diálogo entre adeptos de religiões afro-brasileiras e acadêmicos na esfera pública. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2014. Orientador: Eduardo Rodrigues da Cruz.

MALANDRINO, Brígida Carla. “Há sempre confiança de se estar ligado a alguém”: dimensões utópicas das expressões da religiosidade bantú no Brasil. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2010. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

PIMENTEL, Claudio Santana. Almas ladinas: as muitas Áfricas de Antonio Olinto e sua contribuição ao estudo das religiões. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2014. Orientador: Ênio José da Costa Brito.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. Orí, na tradição dos Orixás: um estudo nos rituais do Ilé Àsé Opó Afonjá. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2009. Orientador: Denise Gimenez Ramos.

RUFFIN, Waway Kimbanda. Identidade em diálogo: a identidade cultural do negro africano a partir de uma análise da convivência em um instituto missionário católico pluricultural. Tese de Doutorado. PUC-SP: São Paulo. 2007. Orientador João Edênio Reis Valle.

SILVA, Marcos Rodrigues da. Mulangos e mulangas registram a possibilidade de uma reflexão teológica afroamericana - Centro Atabaque - Teologia e Cultura Negra. Tese de Doutorado. PUC-SP. São Paulo. 2014. Orientador: Afonso Maria Ligório Soares.

Recebido: 13 de maio de 2019.

Aprovado: 27 de agosto de 2019.